

## DROGAS E VIOLÊNCIA: LIMITES DA ASSOCIAÇÃO

Marlene Barreto Santos Miranda\*

**RESUMO:** *Este artigo pretende discutir alguns aspectos vinculados à problemática das drogas através de uma atitude compreensiva. A discussão não se dá em torno dos efeitos das “drogas” sobre a saúde, pois esse tema conta com literatura própria. A intenção é explorar o discurso sobre drogas hoje e os equívocos entre os temas violência e drogas – que acaba por tornar pouco compreensível o lugar das drogas como um construto social destes tempos. Faz-se primeiro um recorrido histórico sobre o uso de substâncias psicoativas, enfatizando sua recorrência pela religião e pela ciência, e como em muitos momentos essas foram consideradas de uso legítimo. Em seguida discute-se possíveis apelos do tema hoje e qualificações sociais. Advoga-se a importância da recorrência às representações sociais de distintos atores. No artigo também se focaliza a associação entre uso de substâncias psicoativas e violências, refletindo o entrelace entre fantasmas, medos e projeções que dizem respeito à insegurança e diversos tipos de vulnerabilidades sociais. Não se pretende aqui respostas acabadas, mas a reflexão sobre possíveis caminhos. Sustenta-se que não atentar para a complexidade do tema, a diversidade de situações e sentidos que diferentes sujeitos emprestam à sua experiência, é uma forma de evitar análises que mais a fundo nos interroguem a todos, as relações vividas em diferentes instituições, e qual o estado da sociedade em que estamos.*

**Palavras-chave:** Drogas/Substância psicoativa; Representação social; Violência.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo discutir alguns aspectos relacionados à problemática das drogas através de uma postura compreensiva que relativize “as demonizações radicais das substâncias” (Minayo, 1998, p.38). Não se discute “drogas” em termos de seus efeitos sobre a saúde, tema que conta com relativa literatura especializada, respaldando diversas perspectivas e que pediria aporte médico-científico relacionado a diferentes tipos de substâncias. A intenção é explorar o discurso sobre drogas hoje e a confusão entre os temas violência e drogas – que termina por obscurecer sentidos, bem como viabilizando a possibilidade de o lugar das drogas ser um construto social destes tempos.

O tema drogas é um dos mais presentes nos meios de comunicações, infelizmente nem sempre tratado com a devida sobriedade, nem com o embasamento científico, sociológico e cultural desejáveis.

É importante que, inicialmente, se conceitue o principal termo utilizado nesse artigo, já que quando tratado pela mídia e presente no nosso dia-a-dia é mal definido ou pouco claro. Assim, droga, segundo Milby (1988, p.87), é toda substância, natural ou sintética, que, ao ser consumida, atua sobre o sistema nervoso central (cérebro), modificando, de algum modo, nosso psiquismo. Estão incluídas aí todas as substâncias legais ou lícitas (álcool, tabaco, medicamentos, café e chá) e todas as substâncias ilegais ou ilícitas (maconha, cocaína, heroína, crack, inalantes, alucinógenos).

---

\* Mestranda do Curso Família na Sociedade Contemporânea, vinculada à Linha de Pesquisa Contextos Familiares e Subjetividade, da Universidade Católica do Salvador, membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Juventude, Identidade, Cidadania e Cultura (NPEJI/CNPQ), desenvolve pesquisa sobre substâncias psicoativas e sua relação com a família, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mary Garcia Castro, e-mail: [marlene@colegiosaopaulo.com.br](mailto:marlene@colegiosaopaulo.com.br)

Em nossa sociedade o termo “droga” deixou de ter uma significação puramente científica, aparecendo geralmente relacionado às substâncias ilegais ou ilícitas e associado a comportamentos transgressores, como coloca Nery Filho (1999, p.35), o que leva a distinguir dois níveis de compreensão distintos: o primeiro que define “droga” segundo critérios técnico-científicos precisos, e o segundo, mais largo, menos preciso, que considera “droga” em função de certas características ideológicas, às vezes em completo desacordo com a própria realidade sócio-cultural.

Nesse artigo a palavra “droga” terá como sinônimo o termo “substância psicoativa” e será usada exclusivamente no sentido descrito no primeiro nível acima.

## DESVELANDO CONCEITOS: A QUESTÃO DAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

A expressão “substância psicoativa” foi proposta pela Organização Mundial de Saúde – OMS, para substituir o termo “droga”, geralmente de conotação-pejorativa, englobando toda substância, natural ou sintética, que, ao ser consumida, altera uma ou mais funções do organismo.

Ao percorrermos a história da civilização, encontramos a presença das substâncias psicoativas desde os primórdios da humanidade, inseridas nos mais diversos contextos: social, econômico, medicinal, religioso, ritual, cultural, psicológico, estético, militar e o da busca do prazer.

Segundo Baptista (2003, p.25), já em 1928 um renomado toxicologista francês, Ludwing Lewin, escrevia que, à exceção dos alimentos, não existem sobre a Terra substâncias que tenham estado tão intimamente ligadas à vida dos povos, em todos os países e em todos os tempos, como as substâncias que modificam a percepção humana.

Para afirmar a antiguidade do convívio do ser humano com as substâncias, Bucher (1992, p.275) aponta inclusive teorias arqueológicas, pretendendo demonstrar a presença de bebidas fermentadas na pré-história, e os mais antigos documentos da civilização egípcia descrevem o uso do vinho e da cerveja. A literatura científica dá conta de que o opium já era conhecido há mais de cinco mil anos antes de Cristo e relacionado com a alegria e divertimento entre os sumérios. Os egípcios, por sua vez, conheciam o cânhamo (maconha) e outras substâncias com propriedades narcóticas e tóxicas.

Dois tipos de conhecimento têm singular relevância no percurso de legitimidade, recorrência e reflexão sobre as substâncias psicoativas, sendo eles a religião e a medicina, que foram duas fontes básicas de conhecimento das substâncias psicoativas. Nos tempos bíblicos, o vinho está presente e ainda hoje faz parte de cerimônias católicas (como a comunhão), judaicas (como o "barmitzvahs") e nos rituais do candomblé (como oferenda a certas entidades). No Brasil, apesar do uso de substâncias alucinógenas ser ilegal, o consumo de Hoasca (ou *vegetal*, para a seita União do Vegetal) ou Ayahuasca (ou *daime* para a seita Santo Daime) – um chá alucinógeno preparado com o cozimento de ervas – é freqüente nos rituais dessas seitas religiosas.

Outro contexto em que o ser humano recorreu às drogas foi o militar. Na 1ª e na 2ª Guerras Mundiais, a morfina foi muito utilizada com a finalidade de reduzir dores físicas. As anfetaminas também estiveram presentes, lançadas pelos japoneses no fim da 2ª Guerra, para combater o sono, a fadiga e a fome, permitindo aos soldados períodos mais longos de vigília.

Nos anos sessenta, no Brasil, um fenômeno sócio-cultural marcou a trajetória de vários adolescentes, a *contestação hippie* deu o tom aos movimentos alternativos, a busca do belo, do prazeroso e do flower-power teve como símbolo o uso da maconha e do LSD.

Para o sociólogo Espinheira (1993, p.18), a utilização de substâncias psicoativas como fonte de prazer, destituída de qualquer compromisso com o sagrado e com o utilitário medicinal, deve ter precedido às demais formas, mas logo por elas substituída como monopólio social ou

como recurso à regulamentação social. A busca de "outras dimensões", de conforto e de prazer, sempre foi um poderoso estímulo para o uso de substâncias que podiam proporcionar tais sentimentos. Assim este autor relata:

*Ao longo da história, desde a mais remota antigüidade, os interlocutores com o sobrenatural gozaram de elevado prestígio social e político, e muitas vezes sintetizavam religião e política no comando dos destinos dos povos. Um dos elementos facultativos do encontro desses espaços do cotidiano e do sobrenatural foi a "droga", substância que usada favorecia visões e transportava o espírito para outros territórios, para outras sabedorias. (ESPINHEIRA, 1993, p.8).*

Alguns autores descrevem diferentes sensações sobre as substâncias psicoativas: um dos exemplos mais conhecidos é o da viagem de Proust ao passado levado pelo cheiro e pelo gosto:

*... por que sob essa forma olfativa, a minha inteligência não mais podia tomar parte nela..." ". quando a dor de subir para o quarto penetrava em mim de modo infinitamente mais rápido, quase instantâneo, ao mesmo tempo insidioso e brusco, pela inalação – muito mais tóxica que a penetração moral – do cheiro de verniz peculiar aquela escada". "... mas quando, mais nada subsistisse de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas, – sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, – o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício enorme da recordação (PROUST apud NERY FILHO, 1993, p.4).*

Quando Aldous Huxley testou em si mesmo a mescalina (ácido lisérgico), constatou que podia ir ao céu e ao inferno, contemplando as cores, os efeitos maravilhosos e surpreendentes dos tecidos, de suas dobras. "... há tanto o que olhar que não se quer fazer coisa alguma mais" (HUXLEY apud NERY FILHO, 1993, p.7).

Baudelaire apud Nery Filho, dedicou-se ao ópio e seus mistérios e o poeta Fernando Pessoa em uma de suas poesias nos mostra uma das razões do uso de substâncias psicoativas: "... há doenças piores que as doenças, há dores que não doem, nem na alma mas que são dolorosas mais que as outras... dá-me mais vinho, porque a vida é nada" (PESSOA apud NERY FILHO, 1993, p.5).

Diferente dos contextos citados ("anos rebeldes, ampliação da percepção, usos ritualísticos, experiências místicas, busca do prazer), a realidade atual tem outras motivações para o consumo de substâncias psicoativas e formas próprias de normatizá-la, domesticá-la ou reprimí-la.

Falar sobre "drogas" virou um modismo, tanto por parte das autoridades que têm o dever de estabelecer programas para repressão do tráfico de substâncias psicoativas ilícitas, prevenir o uso abusivo tanto de SPAs<sup>1</sup> lícitas, quanto ilícitas e propiciar tratamentos de usuários dependentes; como também para a população em geral que possui um conhecimento recheado de estereótipos e preconceitos sobre as SPA.

O enfoque repressivo é o mais presente na sociedade, atendo-se exclusivamente ao produto "drogas", considerando como único fator responsável pelo alastramento do consumo e das toxicomanias. No entanto, não se torna toxicômano quem o quiser, há um processo complexo onde intervém, além da substância psicoativa, o contexto sociocultural e econômico, com suas pressões e condicionamentos múltiplos e a personalidade do usuário.

---

<sup>1</sup> A abreviatura refere-se à terminologia substâncias psicoativas.

Como afirma Olivenstein (1983, p.16): “... a toxicomania é o encontro de uma pessoa com um produto psicoativo num determinado momento sócio-cultural”. De uma forma mais ampliada, o momento sócio-cultural é representado pela cultura e as condições do país ou região e, numa visão mais específica, essas condições sociais de consumo são as circunstâncias mais restritas em que o consumo se processa: a cidade, o bairro, a rua, o grupo. Com relação à personalidade do usuário, dela fazem parte as motivações pessoais, conscientes e inconscientes. Somente em casos de uma junção desfavorável desses três fatores da “equação” é que se chega a estados de dependência – o que significa que não é todo consumo que a provoca, pois existem diferentes padrões de consumo e consumidores (experimental, ocasional e regular). É necessário perceber esses aspectos para compreender as particularidades do consumo e do consumidor de substâncias psicoativas, conforme enfatiza Bucher:

*O maior erro, tanto por parte das autoridades quanto da população no conjunto, seria tornar-se cúmplice de tais dramatizações excessivas e inverídicas. O célebre “combate às drogas” não passa de uma fantasia, quando pretende erradicar as substâncias psicoativas da vida social, como se elas fossem algo ocasional e supérfluo, um mal acrescentado por fora e não inerente à sociedade. Tratadas desta forma, as drogas transformam-se em um mito carregando uma série de não-ditos – todo mito tem uma função social, seja tão somente aquela de bode expiatório. Responsabilizadas pela maioria dos males que assolam a juventude ou a sociedade como um todo, elas são então apresentadas como típico inimigo externo ameaçando o equilíbrio e a harmonia de inocentes populações. (BUCHER, 1992, p.3).*

Para Castro (2002, pg. 31) as representações englobam tanto as experiências quanto o sentido que os atores atribuem a elas e expressam através de seu discurso. Portanto, a relação entre experiência vivida e construção social significa a re-interpretação discursiva dos diferentes atores sociais sobre a sua realidade. A realidade neste contexto se re-apresenta vestida de símbolos, imagens e palavras.

As percepções/representações são um excelente teste projetivo do sistema de valores e aspirações de uma sociedade. Para que se possa entender a complexidade da sociedade, deve-se considerar que as idéias e os valores podem ser transformados através das representações individuais e coletivas, compondo um sistema de múltiplos níveis. Entrelaçadas às representações individuais, relacionadas à biografia de cada ator social, existem também as representações coletivas, que são expressas através da linguagem, entre outros meios, circulando nas mais diversas camadas da sociedade.

Na relação entre materialidades de vida, realidades e percepções/representações, aquelas se apresentam aos atores por mediações, valores e concepções socialmente construídas. Segundo Castro, (2002, pg. 32): “Para identificar as representações culturais utilizadas por determinadas pessoas, devemos nos voltar para o conhecimento e para o discurso que essas pessoas empregam para interpretar e objetivar suas vidas”.

Moscovici (1978, pg. 41) destaca: “Sabemos que as representações sociais correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, tais como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica e mítica”.

Assim, a percepção/representação que a maioria da população tem acerca das substâncias psicoativas é muito diferente do que efetivamente elas significam. Segundo Nery Filho (1993, p.28), inúmeras idéias equivocadas estão presentes na nossa sociedade, como por exemplo, “é possível ter uma sociedade sem drogas”; “o mal está nas substâncias ilícitas (maconha, cocaína, ácidos, etc) e não nas ilícitas (álcool, tabaco, medicamentos)”; “a maconha é a porta de entrada para uso de outras substâncias (escalada)”, há um forte maniqueísmo, onde “quem usa drogas é bandido, louco, desajustado”; nas campanhas de prevenção, utilizam-se chavões apelativos –

“droga, tô fora”, “não quero droga nenhuma” – como se o produto fosse o único responsável pelo aumento do consumo das substâncias psicoativas.

Além de dar uma maior ênfase ao produto, deixando de lado o indivíduo que consome, a associação do uso de substâncias psicoativas à violência é algo fortemente representado na sociedade.

O consumo de drogas ilícitas, assim como de bebidas, pode ser visto como um coadjuvante deflagrador de diversas formas de violência.

Contudo, muitos desses discursos não se apoiam, necessariamente, em fatos presenciados de agressões por usuários. Também são ambíguas as referências que estabelecem nexos entre violência contra terceiros e uso de drogas. Nota-se certa transferência de medos e inseguranças generalizados nesses tempos, quando o não-controlado, “o estranho” – como as drogas (no caso do uso) – seria considerada a principal causa da insegurança e da violência.

Segundo Castro (2002, p. 386), outra forma de associar drogas à violência morre quando se remete às relações que os jovens estabelecem com o tráfico – muitas vezes para garantir o consumo –, um ambiente extremamente violento, no qual a inserção tenderia a ser definitiva. Uma terceira forma é a referência ao comércio de drogas como forma de os jovens pobres obterem recursos e bens inacessíveis a eles, o que pode levá-los, também, à prática de roubos e assaltos.

A tese que associa droga à violência encontra respaldo em alguns estudos, principalmente do tipo experimental, nos Estados Unidos, relacionados com a compreensão da natureza e gênese da violência entre os jovens. Considera-se tais fenômenos como as causas de todos os males sociais, omitindo sua relação com outras categorias de vulnerabilidades e alimentando um imaginário de inseguranças.

Hopenhayn (2002), refletindo sobre estes tempos e focalizando a América Latina, se refere a “vulnerabilidades cruzadas”: quando se conjugam exclusões relacionadas à cidadania, ao emprego e ao acesso a serviços sociais de qualidade em um movimento que, paradoxalmente, traz o aumento do reconhecimento de direitos de identidades específicas, como a dos negros, das mulheres e dos jovens. Hopenhayn (*op. cit.*) também se refere a assimetrias, que se manifestam em um imaginário em que convivem, contraditoriamente, o apelo ao consumo, de orientação hedonista, e a falta de bases materiais para satisfazer o sugerido e estimulado por uma cultura de eterno presente. Fantasmas, medos e frustrações se realimentariam, estimulando, inclusive, a eleição de alguns temas como prioridade, tanto para as políticas sociais, como para as notícias.

No entrelace de vulnerabilidades reais e imaginadas, fantasmas são produzidos por um imaginário coletivo sobre as realidades. Por exemplo, drogas e violência são, concomitantemente, realidades e fantasmas eleitos como prioridades de notícia e de políticas em tempos de incertezas, segundo Hopenhayn (2002).

## CONCLUSÃO

Como se observou e sublinham distintos autores, não é novo se recorrer às substâncias psicoativas. Como se indicou, tal prática foi amparada por saberes, como o religioso e o científico na busca de outras dimensões sensoriais, formas de comunicação e libertação do real vivido, por um real imaginado ou sugerido mais além da razão. Enfatizamos também nos parágrafos precedentes que o uso de substâncias psicoativas tem história e assim não somente em cada período, a civilização ou diferentes grupos nessa são mais ou menos abertos ao uso de substâncias psicoativas, como há sentidos, racionalizações próprias de cada tempo.

Outras preocupações pedem reflexão no campo das ciências sociais, com o apoio de diversos conhecimentos e principalmente atentando para representações de diversos atores que de uma forma ou outra estão envolvidos com substâncias psicoativas: por que do seu uso em termos de compulsão hoje?, por que a preocupação com as substâncias psicoativas hoje?, quais

os sentidos da construção social das “drogas hoje, sua idealização como costume ou como saída, o seu enquadramento como a violência, o vício, a compulsão, a doença, e, para muitos, a fonte de todos os males?

Não se pretendeu aqui ter respostas acabadas, mas construir uma reflexão sobre possíveis pistas. Defende-se que não atentar para a complexidade do tema, a diversidade de situações e sentidos que diferentes sujeitos emprestam à sua experiência, é uma maneira de evitar análises que mais a fundo nos interroguem a todos, as relações vividas em diferentes instituições, e qual o estado da sociedade em que estamos. Culpando “as drogas”, omite-se a cumplicidade de muitos em relações micro e macro organizadas que alimentam, em muitos casos, mal-estares, buscas existenciais, para alguns o cumprimento de exigências e parâmetros sociais, para outros recusas desses parâmetros, assim como para muitos outros, apenas um tipo de comunicação com os outros e consigo, com eus que não conhecemos.

Para Minayo (1998, p. 40), a própria sociedade se “droga” com as “drogas”, criando sua toxicomania, buscando escapar, sobretudo, de problemas sócio-estruturais e culturais mais profundos, assim como de angústias existenciais, como o desemprego, miséria, guerras internas e externas, conflitos geracionais, mudanças velozes na cultura, dentre outras questões.

Pregar a eliminação das substâncias psicoativas da vida social é ingenuidade, se não fanatismo irreal. Trata-se de reduzir os danos, tanto das lícitas quanto das ilícitas. Querer proibi-los, seja pela repressão, seja pela condenação moralista, não surte efeito, pois as substâncias psicoativas fazem parte da vida, inclusive das suas dimensões de valor, como o prazer, o lazer, a busca de sensações novas, idealizadas, e a promessa da sociedade de consumo de uma vida sem angústias que leva à obrigatoriedade de ser feliz ou tentar sê-lo, como seja. As substâncias psicoativas não dão um sentido à vida, mas podem realçar o sentido que cada indivíduo consegue criar para si, principalmente num momento de crise econômica e de sombrias perspectivas sociais em um país como o Brasil, cabe não esquecer disto, para não cair numa pregação repressiva cega e facilmente desumana.

## REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, M. (Orgs.). **Drogas e pós-modernidade – prazer, sofrimento, tabu**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- BUCHER, R. **Drogas e drogadição no Brasil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- CASTRO, M. G. e ABRAMOVAY, M. **Drogas nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- ESPINHEIRA, C. G. D. A. **O conhecimento das drogas e suas formas de uso**. 1993. 29 p. Pesquisa – Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas, UFBA, Salvador, 1993.
- HOPENHAYN, M. **Droga y violencia: fantasmas de la nueva metrópoli latinoamericana**. Universidade de Pittsburg 2002. No prelo.
- MILBY, J. B. **A dependência de drogas e seu tratamento**. São Paulo: Pioneira, 1988.
- MINAYO, M. C. S. e DESLANDES, S. F. **A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência**. In: Cadernos de Saúde Pública, v. 14, n. 1, p. 35-42. 1998
- MIRANDA, M. B. S. **Estudo da prevalência do consumo e a representação (imaginário) sobre as substâncias psicoativas em uma comunidade escolar**. 2000. 58f. Monografia (Especialização em Psicologia da Educação) – Faculdade Ruy Barbosa, Salvador, 2000.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NERY FILHO, A. **Drogas: prevenção sem medos e terapia sem estigmas**. Salvador: EdUFBA, 1993. No prelo.

\_\_\_\_\_. **Conversando sobre drogas**. Salvador: EdUFBA, 1999.

OLIVENSTEIN, C. **A vida do toxicômano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.